

“Éramos uma nação de aforradores, inclusivamente internacionais.”

JORGE BRAGA DE MACEDO
Professor, ex-ministro das Finanças



“Os portugueses deixarão de ser proprietários de Portugal.”

JOÃO DUQUE
Professor do ISEG



“Portugueses endividaram-se com a casa porque arrendamento não funciona.”

FERNANDO RIBEIRO MENDES
Vice-pres. Cidadania Social



“Vou ter uma pensão muito inferior ao que recebo atualmente.”

FERNANDO ALEXANDRE
Professor Universidade do Minho



“Não basta adiar a idade da reforma, é preciso arranjar trabalho para essa mão-de-obra.”

ELIZA FILBY
Historiadora britânica



“Seremos menos em 2021, no próximo Censo, e não há nenhum problema.”

JORGE MALHEIRO
Geógrafo, Universidade Lisboa



“A poupança não é um fim em si mesmo, mas dá resiliência à economia.”

LUÍS LAGINHA DE SOUSA
Administrador Banco de Portugal



“Taxas de juro tão baixas como estão atualmente desincentivam a poupança.”

JASMINE BIRTLES
Jornalista/especialista financeira



“Níveis de poupança não vão além de uns míseros 4% do rendimento.”

DANIEL PROENÇA DE CARVALHO
Presidente Global Media Group



“Esta conferência reflete um caminho que procurámos fazer ao longo de um ano.”

GONÇALO PEREIRA COUTINHO
Presidente Real Vida Seguros



Baixa poupança torna o país mais vulnerável a choques externos



Conferência da Real Vida Seguros analisou ontem, na Fundação Champalimaud, as causas e os efeitos da crise demográfica e da quebra na taxa de aforro da população portuguesa.

LUÍS NAVES

A crise demográfica e a escassez de poupança foram os temas da conferência Uma Poupança para a Vida, realizada ontem em Lisboa, iniciativa da Real Vida Seguros, com apoio do Global Media Group. Vários oradores explicaram que os dois problemas estão ligados a mudanças da sociedade e ameaçam a prosperidade futura do país, sobretudo se houver uma recessão. Luís Laginha de Sousa, administrador do Banco de Portugal, que falou a título particular, disse que a baixa taxa de poupança em Portugal “torna as famílias vulneráveis a choques que afetem negativamente o seu rendimento, como sejam o aumento das taxas de juro, o desemprego ou a reforma”. Em média, os portugueses pouparam apenas um euro em cada 20 do que ganham.

Fernando Alexandre, da Universidade do Minho, secundou os avisos, ao dizer que os EUA estão num dos mais longos períodos de expansão económica da sua história e há ali

risco de desaceleração. “Temos de nos preparar para isso, porque vai afetar a economia portuguesa.” A nível das expectativas, acrescentou o economista, “nada foi feito para que as pessoas se acautelassem”.

A primeira parte da discussão foi dedicada à crise demográfica. Os números são alarmantes. Até 2060, Portugal poderá perder mais de dois milhões de pessoas, devido a uma quebra de fertilidade que está entre as mais graves do mundo. A este fenómeno soma-se o aumento da longevidade (algo positivo), mas que se traduz no envelhecimento acelerado da população, o que por sua vez ameaça a sustentabilidade dos sistemas de saúde e de segurança social.

Os oradores na conferência não estiveram todos de acordo sobre os motivos do problema. Fernando Ribeiro Mendes, vice-presidente da Cidadania Social, referiu que parte do endividamento das famílias resulta da necessidade de comprar casa própria, pois o mercado de arrendamento “não funciona”. O especialista também referiu a sua preocupação com as consequências políticas das “incertezas”, que estão a levar as sociedades



◀ A Fundação Champalimaud acolheu a conferência da Real Vida Seguros, em que a perita britânica Jasmine Birtles falou sobre como aumentar a taxa de poupança.

Em média, os portugueses pouparam apenas um em cada vinte euros do que ganham. Uma taxa muito baixa.

“a uma mentalidade de cerco e à ideia do declínio”, que conduz à retórica dos “novos bárbaros”.

Telmo Francisco Vieira, coordenador do Observatório da Natalidade e Envelhecimento, elencou propostas que permitam aumentar o número de nascimentos em Portugal (meta de cem mil crianças por ano, contra as atuais 87 mil). Entre elas, aumento do número de creches, redução do horário de trabalho, alargamento da licença de natalidade, abono de família universal. Segundo os cálculos, aumentar em 75 euros o abono de família por cada filho a seguir ao segundo custaria 43 milhões de euros por ano. Uma medida semelhante está a ter sucesso na Polónia.

O geógrafo Jorge Malheiro, da Universidade de Lisboa, afirmou que a “redução da população não será nenhum drama e não cor-

2 MILHÕES DE PESSOAS É QUANTO PORTUGAL DEVERÁ PERDER ATÉ 2060, DEVIDO A UMA QUEBRA DE FERTILIDADE, DAS MAIS GRAVES DO MUNDO.

remos qualquer risco de extinção”. O envelhecimento será um desafio e os “portugueses de 2118 serão muito diferentes”. Na opinião de Malheiro, “as novas tecnologias contribuirão para maior produtividade com menos horas de trabalho”. Maria Filomena Mendes, presidente da Associação Portuguesa de Demografia, sublinhou que estes comportamentos têm que ver com decisões de vida: “Os jovens estão a adiar a idade em que têm filhos, fazem-no porque podem. Esperam viver mais de 80, 85 anos” e de forma mais saudável.

Tudo isto tem aspetos positivos, mas também consequências na sustentabilidade dos sistemas de pensões. Vários oradores defenderam a prudência de aumentar a poupança para acautelar a velhice. O sistema de pensões do Estado consome 14% do PIB português, mas as previsões internacionais

apontam para que a proporção se mantenha. A estranheza da estabilidade, tendo em conta o ritmo de envelhecimento, foi sublinhada por Fernando Alexandre. Na opinião do académico, isto só se explica com a redução do valor das pensões futuras. Na sua geração, de 47 anos, os cortes serão de 30% ou 40%, em relação ao valor atual dos salários. O professor explicou que estas circunstâncias não são discutidas, havendo falta de transparência nas pensões futuras. Na sua intervenção na ideia de que os governos preferem aumentar o consumo. “Pensões e saúde são duas palavras que vão dar vitórias eleitorais”, insistiu. Em resumo, uma das consequências do envelhecimento da população será o afundar da discussão política em promessas dispendiosas que tranquilizem o eleitorado idoso.

A encerrar a conferência, o ex-ministro das Finanças Jorge Braga de Macedo explicou que Portugal deixou de convergir com a Europa e que, não havendo poupança doméstica, haverá “poupança externa”, ou seja, mudança de propriedade, com a passagem do património de mãos portuguesas para estrangeiras. O professor da Universidade Nova disse que nos anos 1960 e 70 “éramos uma nação de aforradores”, mas resumindo a ideia de muitos dos presentes na conferência, a poupança elevada pertence ao passado. Ela permitiu que o país atravessasse crises complicadas. Hoje, Portugal é uma nação endividada, envelhecida, que continua a consumir em excesso. Quando chegar outra crise, o país estará mais vulnerável.

Mudança de mentalidades tem impacto na demografia

Futuro As nuances das diferentes gerações trazem desafios ao setor segurador, alertou Gonçalo Pereira Coutinho

A mudança de mentalidades está a ter impacto na poupança e na demografia. Esta foi, em síntese, a tese das especialistas britânicas Eliza Filby e Jasmine Birtles, as duas oradoras principais da conferência. O tema já surgia nas intervenções de boas-vindas. Gonçalo Pereira Coutinho, presidente da Real Vida Seguros, mencionou os desafios que estas questões colocam ao futuro do setor segurador e explicou que a conferência é o culminar de um trabalho de meses, “reflete um caminho que já foi feito ao longo do ano”.

Proença de Carvalho, presidente do Global Media Group, falou sobre o problema da natalidade, o envelhecimento populacional e o baixo nível de poupança.

A historiadora Eliza Filby fez a intervenção mais citada, refletindo sobre as recentes mudanças culturais em Portugal. Em causa estão as perspetivas das diferentes gerações (baby boomers, X, milénio e Z), cada uma correspondendo a um período de 15 a 20 anos, com início nos anos 1940 e final em 2010. Um exemplo: a geração do milénio (nascida entre 1981 e 1996) habituou-se ao euro, às viagens baratas e está a chegar à maturidade; a geração Z (entre 1997 e 2010) foi marcada pela austeridade.

O ponto sublinhado por Eliza Filby foi o seguinte: as gerações têm comportamentos muito diferentes nas expectativas sobre o futuro, portanto, também em assuntos de poupança e consumo, ou na atitude perante o casamento, a partilha, o acesso à reforma. As políticas públicas terão de levar em consideração estas subtilidades culturais. O diagnóstico foi aceite por muitos dos oradores, incluindo Jasmine Birtles, jornalista especializada em assuntos financeiros, que defendeu alterações profundas na poupança, como a simplificação para evitar aquilo que a autora definiu como a inércia do público em relação à gestão do seu dinheiro. No sistema de pensões, Birtles defendeu a aposta em sistemas privados, já que o Estado, na sua opinião, não consegue sustentar sozinho o financiamento das reformas.